

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data 1/1/22
Cod. KAD 00/22

A PACIFICAÇÃO

DOS

GAINGANGS PAULISTAS

Habitos, Costumes e Instituições
desses Indios

Conferencia realizada no
Salão da Bibliotheca Nacional
em 19 de Novembro de 1913,
pelo Sr. L. B. Horta Barboza
Inspector do Serviço de Pro-
tecção aos Indios em S. Paulo.

980
J
d
59



RIO DE JANEIRO
s. p. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & O.
1913

980.3

EO

No Sr. Dr. Pedro de Toledo, sob cuja administração dos negócios da pasta da Agricultura, Commercio e Industria realizou-se a pacificação dos Cabangas Paulistas e a cuja patriótica acção deve o Serviço de Protecção aos Indios e Localisação de Trabalhadores Nacionaes os brilhantes e decisivos resultados colhidos durante o triennio de 1911 a 1913, não só no Estado de S. Paulo como em todo o territorio da Republica,

Como signal de sua cieica gratidão

Offensa e dedica

© Astor.

São Paulo—4-12-1913.

Senhores:

O meu apparecimento nesta tribuna, já tantas vezes illustrada por oradores de talento e de vasto saber, exige de mim que comece explicando, com toda a lealdade, que, por me faltarem habitos e dotes artisticos, não poderei nunca corresponder á expectativa daquelles que, por ventura, aqui tenham vindo com a esperanza do ouvir uma conferencia litteraria, abríhantada por paradoxos fulgurantes, imagens imprevistas e subtillezas de estylo.

Nada disso poderei dar e nem mesmo aspiro a mais do que fazer uma honesta e chã exposição de como alcançaram os funcionarios do Serviço de Protecção aos Indios captar a confiança e a amizade dos Caingangs, que enchiam de pavores os sertões do Estado de S. Paulo, comprehendidos entre o curso inferior do Tieté, o valle do Rio Feio ou Aguapehy, do Rio do Peixe e dahi se estendia até ao Paranapanema. Direi tambem o que temos observado dos habitos, da indole e da civilização desses selvicolas, com a firme esperanza de que fazendo-os assim conhecidos, modifique-se a falsissima opinião

que dantes se havia arraigado no espirito de muitos dos nossos letrados, de ser esse povo dotado de genio excepcionalmente feroz, a ponto de o tornar incapaz de merecer dos civilizados outro tratamento que não fosse o extermínio completo—a tiro de carabina.

Uma compensação, porém, haverá para a falta de interesse litterario desta exposição: é a farta documentação de todas as affirmações que forem aqui avançadas, pelas bellissimas projecções luminosas que seirão fazendo das photographias apanhadas em pleno sertão pelo dedicado e incansavel photographo do Serviço, o Sr. Sofjan Niebler.

Dadas estas explicações, necessarias para prevenir-vos, senhores, de que para o desempenho da tarefa que me impuz, preciso de toda vossa benevolencia, que encarecidamente solicito, começarei expondo a distincção que ha a fazer entre as diversas tribus de indios existentes no territorio de nossa patria.

Vulgarmente pensa-se, nesta Cidade como nos demais centros civilizados, que os indigenas brasileiros acham-se todos no mesmo grão de selvegeria, vivendo embrenhados nas florestas, de onde procuram evitar relações com os descendentes do invasor europeu, aos quaes assaltam e trucidam sempre que os apanham ao alcance de suas flexas.

Esta opinião é tão radicalmente falsa quanto muitas outras que por ahí correm como verdades inconcussas e muito sabidas a respeito de nossos sertões e de seus habitantes.

A realidade, porém, é que os Indigenas brasileiros distribuem-se em duas classes; destas, a mais numerosa é constituída pelas tribus ou nações que podemos chamar de civilizadas; a outra é formada pelos selvagens propriamente ditos, unicos, aos quaes se poderá applicar, mais ou menos, a idéa generica que nas cidades se liga á denominação INDIO.

Quanto aos indigenas da primeira categoria, a que acabamos de chamar de civilizados, ainda é preciso dividi-los em dous grupos: um dos que vivem em promiscuidade com os brancos, fallando corretamente o portuguez, trabalhando em estabelecimentos agricolas e pastoris, conhecendo e adoptando os habitos e costumes dos nossos caboclos, dos quaes não se differenciam á primeira vista; e o outro, o dos que vivem afastados dos brancos, em tribus ainda organizadas, conservando a linguagem e os costumes primitivos, mas procurando frequentemente as nossas povoações para venderem os productos de suas industrias e lavouras ou empregarem-se em certos serviços, o de canoeiros, por exemplo e adquirirem roupas, ferramentas, etc.

Dos que vivem em promiscuidade com os brancos, citarei os Guaranyes, de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul; os Catiús habitantes da região sul de Mato Grosso, arrendada á Companhia Matto Laranjeira, cujos trabalhos de colheita e preparação da herva são quasi todos feitos por elles; os Terenas, Cadiúes e outros, magníficos campeiros cujos serviços são muito disputados pelos proprietarios das grandes estancias de criação de Mato Grosso; ou Maués do Amazonas, conhecidos como os melhores fabricantes de guaraná, mercadoria cujo larguissimo consumo em Mato-Grosso, dá margem a lucros consideraveis; os Tymbiras do Maranhão, e outros que seria fastidioso citar.

Dos que fazem vida a parte, mas procuram constantemente os brancos para com elles commerciar, citarei os Amanagés e Tembés do Pará, que se applicam na extracção do cedro e do oleo de copahyba; os Parecis de Mato-Grosso, que anteriormente á acção do Coronel Rondon trouxeram para o mercado quantidade incalculavel de poaia e de borraça; os Boróros do Rio das Garças, que se empre-

gam em trabalhos de lavoura; os Carajás, excellentes canoeiros do Araguaya e multissimos outros.

Comquanto trabalhadores extenuos, estes indios civilizados, sempre arrastaram uma vida de miserias. Os que viviam em promiscuidade com os brancos, condemnados a uma escravidão mal disfarçada, graças ao conhecido «truc» das dividas eternas para com os patrões, degradavam-se pelo abuso das bebidas alcoolicas e pela prostituição; os outros tinham de deixar em mãos dos «regatões», ou negociantes que os iam procurar em épocas certas do anno, productos do seu trabalho (côdro, óleo de copahyba, borracha, guaraná, castanhas do Pará, etc.) em quantidades que valliam muitos contos de réis, recebendo por troca alguns facões, peças de chita, aguardente e outras ninharias, cujo valor mal alcançava a algumas dezenas de mil réis.

E' evidente que, com semelhante regimen, essas miserias populações nunca poderiam progredir e a nação só tinha que perder com tal pratica, que consiste em extenuar systematicamente o trabalhador e a terra para pôr nas mãos dos poucos proprietarios dos herveaes, dos campos, dos seringaes, etc., sommas enormes, que elles se apressam em ir gastar desregradamente nas cidades do paiz ou do estrangeiro.

Dos grandes capitães arrancados annualmente aos nossos sertões, pelo trabalho indofesso dos indios e dos nacionaes, não se tira um centil sequer para a melhoria dos methodos de exploração, das vias de comunicação, das habitações e nem mesmo dos meios de garantir a subsistencia dos pobres trabalhadores.

Lutando contra esta asphixiante situação, que já havia dolorosamente impressionado o espirito dos nossos grandes sertanistas, como os Generaes Couto de Magalhães e Gomes Carneiro, o Coronel Rondon esforçava-se, numa acção toda pessoal, por liberar os indios da esmagadora dependencia em que definhavam, garantindo-lhes, para isso, os

fructos de suas lavouras e de outros trabalhos, em terras cuja propriedade lhes era attribuida. Foi assim, por exemplo, que os Parecis, antes miserrimos descobridores de soberbos seringaes do planalto mato-grossense, viram, rapidamente, melhorar, primeiro, as condições materiaes de sua vida, e logo depois a moralidade e o bem estar de suas familias.

Esta grande obra de vivificação dos sertões brasileiros, enquanto se limitasse aos simples esforços de iniciativa de um homem, ainda mesmo dotado da prodigiosa actividade e dedicação do Coronel Rondon, estava ameaçada de perecer, logo que outros deveres o obrigassem a ausentar-se daquellas regiões; isso mesmo já se havia dado com os Boróros, do rio S. Lourenço, com alguns grupos de Terenas e de outros indios dos pantanaes, os quaes, desde que lhes faltou a presença directa do Coronel, tiveram de ceder á compressão dos elementos hostis, entre os quaes se encravavam as terras que lhes haviam sido doadas, e retrogradaram até á desorganização e dispersão de que elle os havia tirado.

Não só para manter ininterrupta esta benéfica influencia, como tambem para difundil-a por todo o territorio da Republica, fazendo-a abranger a totalidade das populações dos sertões, foi creado em 1910, na Presidencia do Sr. Dr. Nilo Pecanha, e sendo Ministro da Agricultura o Sr. Rodolpho Miranda, o Serviço de Protecção aos Indios e Localização de Trabalhadores Nacionaes.

Para dar uma idéa do modo de agir deste serviço, dos fins a que elle collima e dos resultados que vai obtendo, bastará lançar-se um rapido golpe de vista sobre a situação dos Guaranyes de S. Paulo, tal como era em 1910 e como é actualmente.

Deve notar-se, em primeiro lugar, que os Guaranyes paulistas apresentam o mesmo gráo de civilização que os nossos caboclos; fallam correntemente o portuguez; são monogamos; casam-se na igreja catholica, baptizam os filhos, levam-n'os ao Registro Ci-

vil, enterram os seus mortos nos cemiterios publicos e usam os mesmos methodos de trabalho.

A differença que os separa dos caboclos, é que elles entre si só fallam a lingua Guarany; ao baptismo e ao nome catholicos sobrepõem uma cerimonia e um nome dos antigos usos indigenas; ao culto, aos santos e ao padre da igreja, antepõem os ritos do maracá, o culto do sol e da lua e a veneração pelos pagés, que elles chamam, em portuguez, de «rezadores».

Da antiga organização politica nada mais resta, e a influencia dos «capitães», ultima sombra dos caciques e murubixabas de antanho, ficou inteiramente absorvida e annullada pela influencia do «Governo» — uma especie de entidade toda poderosa e severa, para a qual elles voltam as suas esperanças e respeitam com fervoroso temor.

Desses indios existiam em 1910 varios grupos exparsos e arrastando uma vida miserissima, em Jacutinga, municipio de Bauru', em terras da fazenda de Itaporanga, em Piraju', e nas cercanias de Itanhaem.

A primeira acção da Inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios, em S. Paulo, teve de dirigir-se no sentido de debellar as epidemias de varíola e de impaludismo que devastavam os grupos de Itaporanga, Piraju' e de Jacutinga, creando-se para isso, por ordem immediata do Coronel Rondon, um hospital em Miguel Calmon e outro em Itaporanga.

Depois de attendidas essas e outras necessidades urgentes, applicou-se a Inspectoria em crear para esses Guaranyes uma situação favoravel ao seu desenvolvimento material e consequente melhoria moral. Para este fim, o Governo Estadual reservou as terras da fazenda do Araribá, abrangendo a área de 800 alqueires de florestas virgens.

Para ahí conduziram-se os indios de Itaporanga, Piraju', Salto-Grande e do municipio de Bauru', os quaes desde logo começaram a abrir estradas e fazer derruba-

das para plantações de milho, arroz, feijão, mandioca, batatas, cannas, arvores fructíferas; criações de porcos, gallinhas, patos, etc.

A concentração dos Guaranyes no Araribá, começada em meados do anno passado, deu os seguintes resultados: em Dezembro tinham-se derrubado e plantado perto de 200 alqueires de terra; existiam 700 porcos; mais de 800 gallinhas; 35 cavallos e muarres; cabras, carneiros e outras criações. Já se tinham plantado mais de 200 arvores fructíferas.

A moralidade dos indios melhorou em gráo muito maior do que o esperado pelos calculos mais optimistas; com facilidade espantosa conseguiu-se, quasi em absoluto, supprimir o abuso das bebidas alcoolicas e até hoje não se deu o menor conflicto, nem mesmo alguma dessas pequenas rixas tão communs entre populações um pouco numerosas e rusticas.

No entanto, a população do Araribá é constituida de cerca de 300 individuos, provenientes de grupos que se olhavam com fundas prevenções, geradas por conflictos e rixas antigas.

Os miseraveis ranchos em que elles viviam, substituiram-se por casus, com as divisões internas exigidas pelos bons habitos e pela moral domestica.

O regimen adoptado na povoação consiste em se dar aos indios absoluta garantia de propriedade sobre todos os fructos de seus trabalhos. Das plantações que fazem em suas roças e de suas criações, elles dispõem inteira e livremente; quando trabalham em serviços promovidos pela Inspectoria, o que só fazem por livre vontade, sem a menor sombra de coacção material ou moral, recebem um jornal como qualquer trabalhador contratado.

Os empregados da Inspectoria só existem para manter a ordem material, providenciar sobre necessidades de alimentação, tratamento de doentes, ferramentas, transportes, etc.; evitar as invasões de intrusos e

principalmente para zelar os materiaes pertencentes ao Estado; além disso, procuram com os seus conselhos incentivar os trabalhos, melhorar as plantações, conservar o asseio e a hygiene das habitações e das pessoas. Mas, em caso nenhum elles intervêm na vida intima das familias ou dos individuos; nas crenças, festas e ceremonias religiosas.

Os resultados colhidos em pouco mais de um anno são tão consideraveis, que nos animam a esperar para dentro de cinco annos, no maximo, vermos a actual povoação indigena do Araribá transformada em centro agricola de trabalhadores nacionaes. Este processo só depende de não se descontinuar nem esmorecer a acção do Governo, de modo a ser possível o estabelecimento definitivo do ensino das primeiras lettras, a creação do apprendizado pratico da agricultura, dos officios de carpinteiro e de ferreiro, bem como a introdução dos instrumentos proprios ao aperfeigoamento da arte de tecelagem, a que são muito dadas as indias e para cujo desenvolvimento já se fez uma regular plantação de algodão.

Tendo assim dado uma idéa do que são os indios que chamamos «civilizados», e da especie de protecção que o Governo Federal, por intermedio do Ministerio da Agricultura, actualmente lhes dispensa, devemos agora passar a considerar os que denominamos de «selvagens».

Comquanto muito menos numerosos do que os outros, são estes indigenas os que mais preocupam o espirito publico, e isso porque algumas tribus, habitantes de restos de florestas, já espremidos por estabelecimentos de civilizados, vivem em estado de guerra constante com os invasores de suas terras. Acresce que para aggravar a impressão de terror que nas cidades anda ligada ao nome de indio, os jornaes e os livros, que nunca deixam de commentar longamente as cruezas de seus assaltos, guardam sempre o maior silencio sobre as batidas que, em geral, as precedem e provocam e das quaes

resultam terriveis massacres de populações inteiras!

E' inutil dizer-se e repetir que esses selvagens atacam para defender-se, e quasi sempre em desforra a uma sangrenta provocação dos civilizados. Nós, nas cidades, vamos registrando as mortes que elles praticam e continuamos a ignorar os horrores que soffrem; nós não sabemos, por exemplo, que ha bem poucos annos, em Campos Novos do Paranapanema, Estado de S. Paulo, completava-se a exterminação de uma nação inteira, a dos Otis, indios absolutamente inoffensivos, que nunca souberam oppôr a menor resistencia aos seus inhumanos matadores.

As nações de selvicolas de que ainda restam algumas reliquias, são exactamente as que se defenderam, oppondo os seus arcos e flexas ás nossas carabinas de repetição; e por se terem defendido, nós muitas vezes as classificamos de ferozes e exigiamos do Governo que as mandasse exterminar.

No emtanto, a observação e a experiencia demonstram que os indios habitantes de florestas, nunca foram subjugados pelos meios violentos. Esses meios só podiam sortir effeito quando empregados contra os dos campos, em cujos descampados a flexa de nada vale em comparação com as armas de fogo.

Os Boróros do rio das Garças sustentaram guerra contra Cuyabá durante quasi um seculo. Em vão o Tenente Duarte, por ordem do Governo da então provincia de Mato-Grosso, manteve contra elles uma campanha sem treguas; a guerra só terminou quando se deu a intervenção da india Rosa, de cuja benefica acção nos foi conservada a memoria num trabalho encantador da esposa do General Mello Rego.

Tambem os Boróros de S. Lourenço, que de primitivos alliados dos Portuguezes tiveram de se transformar em inimigos, para evitar o captivoiro, desde os fins do seculo XVIII até poucos dias sustentaram, com vantagem, a guerra que lhes moviamos para

desafogar a estrada de Cuyabá, e não sustentaram as hostilidades senão depois que o Coronel Rondon, proseguindo na obra esboçada pelo General Gomes Carneiro, fez cessar as batidas e substituiu-as por manifestações de benevolência e bondade.

Ainda esses processos de brandura, já agora empregados por funcionarios do Serviço de Protecção aos Indios, conseguiram, logo no principio de 1911, terminar a guerra dos Aymorés, que vinha desde o tempo de D. João VI, os quaes agora se acham pacificamente tratando de lavouras em postos creados pela Inspectoria do Espirito Santo, sob a diligentissima direcção do Tenente Antonio Estigarribia; identicos resultados colheu a Inspectoria do Goyaz, com os Javahés, da ilha do Bananal, tambem classificados de ferozes; como o Coronel Rondon já o havia alcançado com os Nhambiquáras, talvez a mais numerosa de todas as nações indigenas do Brasil, e como o acaba de realizar com os Barbados, indios tambem de Mato-Grosso.

De todos os casos, porém, que se poderiam aqui citar, comprobativos da excellencia e do acerto do methodo preconizado pelo Director do Serviço de Protecção aos Indios, o que nos deve preoccupar mais especialmente é o dos Caingangs, de S. Paulo.

A celeuma que se levantou em torno do nome desses indios, não se justifica, nem pela importancia numerica de sua população, que é uma das mais resumidas, nem tão pouco por algum requinte de crueldade, de que resultasse para elles um lugar á parte na triste historia das lutas dos selvícolas brasileiros contra os civilizados.

A explicação da enorme retumbancia que tiveram os assaltos dos Caingangs, parece-me residir, principalmente, em dous factos: primeiro, o delles se realizarem no Estado de S. Paulo, e segundo, o do lamentavel desfecho que teve a tentativa de catechese do Padre Claro.

Sacerdote estimado e respeitado entre as classes cultas de S. Paulo, pelas suas al-

tas virtudes e saber, o Padre Claro decidiu ir quasi sozinho, ao encontro dos Caingangs, com o fito de os pacificar e conduzir para o gremio da Igreja catholica. Para isso fez construir nas cabeceiras do Feio tres canoas que tripulou com Guaranyes, e nellas descendo o rio, ia deixando pelas ribanceiras, onde encontrava vestigios dos indios, espelhos, facões e outros brindes.

Por esse tempo ainda se acreditava que o Feio fosse um tributario do Tieté. O Padre Claro, que partira com essa idéa, tendo navegado até ás imediações da barra do Presidente Tibiriçá, e notado que o curso do rio, até ahí, conservava-se paralelo ao Tieté, concluiu que elle ia directamente desaguar no Paraná, e, provavelmente, por falta de viveres, resolveu dahi regressar para o ponto de partida.

No dia immediato ao em que começou a subir o Feio, foi a flotilha inopinadamente assaltada pelos Caingangs, que contra ella atiraram uma nuvem de flexas. Um desses tiros acertou no padre; outros mataram e feriram alguns tripulantes das canoas.

A noticia desta tristissima morte causou a mais penosa impressão na população de S. Paulo. Dahi por diante, todos os espiritos se inclinavam a aceitar as mais odiosas opiniões sobre a ferocidade excepcional dos Caingangs, pois que, raciocinando com muito bons sentimentos, mas com nenhuma clarividencia, concluíram que era preciso não existir naquellas almas nada de humano, para assim maltratarem um homem que nunca os molestara e que tantos sacrificios affrontava só movido pelo desejo de lhes fazer o bem.

O que, porém, não sabiam, nem podiam saber os moradores das cidades, é o que agora contam os indios, explicando o motivo do seu acto.

Dizem elles que, entre os brindes deixados pelo Padre Claro numa ribanceira figurava uma carabina ou espingarda, engenho cujo machinismo elles, nesse tempo, ignoravam completamente, a ponto de acreditarem que

elle disparava por si mesmo, automaticamente. Dahi concluram que aquella arma havia sido alli deixada com a intenção de matar os que della se approximassem, atraídos pelos outros presentes.

Esta supposição conduziu-os logo a considerar os expedicionarios, cujos passos vinham desde o principio observando cuidadosamente, como inimigos perigosos, que mereciam e precisavam ser immediatamente debelados.

Como se vê, o triste desfecho da tentativa de catechese do Padre Claro resultou não da supposta ferocidade dos Caingangs, mas sim da profunda ignorancia em que elles viviam a respeito das cousas da nossa industria, e mais da desconfiança que nutriam contra os civilizados, em consequencia das terríveis batidas contra elles incessantemente organizadas por moradores de Campos Novos do Paranapanema, e pelos que lam, mais recentemente, fundando estabelecimentos nas cabeceiras do Feio e em aguas da margem esquerda do Tieté.

Esta luta impiedosa e barbara já vinha desde os primeiros annos da segunda metade do seculo passado, e quanto mais durava mais se amludavam, de um lado e do outro, os assaltos e os morticínios, acompanhados de crueldades cada vez maiores.

Em vão collocou o Governo estadual as suas esperanças na catechese, subvencionada desde 1903 até hoje, que devia ser organizada pelos frades capuchinhos, em Campos Novos; a situação continuava a piorar de anno para anno. O reconhecimento e o levantamento dos rios Feio, Aguapehy e Peixe, pela Commissão Geographica e Geologica do Estado, teve de fazer-se á mão armada, e ainda assim não se conseguio evitar o sacrificio de vidas em ambos os campos.

A construcção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, correndo pelo divisor das aguas do Feio e Tieté, constituiu uma nova fonte de hostilidades; ás batidas dos bu-

greiros, succediam-se os assaltos, cada vez mais violentos, dos indios contra os trabalhadores da estrada, e o pavor imperava por todo o sertão, onde niuguem se encontrava sem uma carabina de repetição, de que usava dia e noite em descargas a esmo, para afugentar o «bugre».

Em fins de 1910, quando apenas se começava a organizar o serviço de Protecção, a situação da Noroeste era tão premente, que o empreiteiro officlava ao Ministerio da Viação, avisando-o de que estava na imminecia de suspender as obras de construcção, por impossibilidade de conter os selvícolas e fazer parar as suas correlias.

O Coronel Rondon, tendo noticia, pelos reconhecimentos preliminares dos Tenentes Pedro Dantas e Manoel Rabello, da excepcional gravidade do problema, cuja solução ainda era mais difficultada pelas disposições hostis com que os moradores da região, todos armados e em pé de guerra, recebiam os empregados do serviço, resolveu partir para lá, afim de estudar a questão em suas fontes directas e alli mesmo dar a traça que conviria seguir para conquistar a amizade dos temidos Caingangs, e assim estabelecer a paz e a ordem em todo aquelle vasto sertão.

Estudada a região, não só ao longe da estrada como tambem lateralmente até ao Tieté, o benemerito director do Serviço de Protecção aos Indios assentou, com a maestria que todos lhe reconhecem, o plano da pacificação e escolheu para o realizar o Tenente Rabello, tendo como principaes auxiliares os Tenentes Candido Sobrinho e Sampalo.

No plano estabelecido, o Coronel Rondon aproveitava com admiravel habilidade a circumstancia de se poder contar com os serviços de alguns Caingangs, tirados do grupo já civilizado do Estado do Paraná, por meio dos quaes podiamos communicar aos selvícolas as nossas intenções pacificas, não só por meio da palavra, como tambem por

certos signaes peculiares a essa nação, feitos com o auxilio de businas e de uma especie de hieroglyphos, multissimo originaes, construidos com páozinhos e pequenos ramos de arvore.

Esses elementos, que deviam representar na campanha que se ia iniciar uma acção decisiva, foram logo depois accrescidos dos Indios escravos de uma fazenda de Campos Novos do Parapanema, cujo proprietario, famoso bugreiro, os havia aprisionado por occasião de devastadores assaltos que costumava dar ás aldeias do rio do Peixe.

Entre elles vinha a velha India Vanuire, que entre todos se destacou depois pelo inexcidivel zelo e verdadeiro amor com que se devotou áquella obra, que ella comprehendia ser a de salvação das ultimas reliquias de seu povo.

Uma grande difficuldade, porém, ainda estava para ser resolvida, a da escolha do ponto onde conviria iniciar-se a entrada na floresta e installar-se o serviço.

De facto, os Caingangs, nesse tempo, faziam irrupções quasi simultaneas, numa linha de frente superior a 250 kilometros; de modo que era quasi impossivel descobrir-se o lugar de onde elles irradiavam, e para onde era necessario dirigir-se a acção dos expedicionarios, affm de se ter a certeza de entrar logo em contacto com elles e nunca mais os perder de vista.

Ainda estavam, o Tenente Rabello e os seus ajudantes, nessa perplexidade, quando se deu o assalto contra a turma 21ª de conservação da via-ferrea, o que determinou a vinda do Tenente Candido Sobrinho para a estação de Helter Legru, então fortemente ameaçada.

Feito o acampamento ao lado dessa estação iniciou logo o Tenente Candido Sobrinho a exploração da mata que a circumdava, resultando dahi a descoberta de que se achava num lugar multissimo frequentado pelos Indios e por isso mesmo muito pro-

prio para a fundação do projectado centro de attracção.

Seguindo por um dos brithos mais batidos, foi o Tenente Sobrinho esbarrar a 2 kilometros da estação com o Ribeirão dos Patos, num ponto de passagem dos selvicolas, de onde divergiam para todos os lados numerosos caminhos com signaes evidentes de serem muito trafegados.

Para ahi resolveu elle transferir immediatamente o seu acampamento fazendo para isso a necessaria derrubada do arvoreço secular; depois substituiu o abaracamento inicial por um arranchamento de páo a pique e cobertura de folhas de coqueiro, destinado a servir de centro das operações que se haviam de desdobrar para o interior da mysteriosa floresta, que se estendia ininterrupta para os lados do Feio, transpunha-o e dahi se derramava até o Feio e o Paraná.

Para prender a attenção e o interesse dos Indios em torno desse acampamento e assim evitar que elles continuassem a espalhar o terror e a desorganização dos serviços ao longo da estrada de ferro, derrubaram-se 4 atqueires de mata e fez-se uma grande plantação de milho e feijão.

Todos esses trabalhos se proseguiram no meio de tremendas ameaças dos selvicolas, os quaes noite e dia cercavam o acampamento, ora tirando de suas buzinas lugubres mugidos, que significavam guerra e extermínio, ora dando nas arvores com seus terriveis porrates pancadas que provocavam, no silencio da noite, sons pavorosos, que deixavam as almas transidas de medo á lembrança de que a cacetadas tacs nunca havia escapado com vida uma unica victima dos assaltos daquelles temerosos guerreiros.

E a todas essas ameaças, no meio de tantos terrores, respondiam os assediados com palavras de paz, com os cantos de festa da incomparavel Vanuire, e com os sons alegres, de benevolencia e de boa amizade derramados por sobre a soturna

floresta pela buzina que sopravam os interpretes paranaenses, do mangrullo construido no alto de uma arvore.

E o Tenente Sobrinho, continuando impavido a grande obra, embrenhava-se na floresta para os lados do Felo, seguindo o trilho principal que de lá vinha em demanda do Ribeirão dos Patos, e quando encontrava os pequenos ranchos de caçada dos indios, nelles deixava-lhes presentes de roupas, machados e quiinquilharias.

Depois esse trilho foi transformado em estrada numa extensão de 30 kilometros até alcançar o rio em cuja barranca foi forçoso fazer-se novo acampamento a espera de que se terminasse a construcção de uma ponte, sob a direcção immediata do Tenente Rabello.

Concluida a ponte, continuou a expedição para além do Felo, alcançando em principio de Dezembro de 1911, depois de percorridos perto de 20 kilometros a contar daquelle rio, a primeira aldeia dos Caingangs, a qual, soubemos mais tarde, pertencia ao grupo chefiado pelo rekaké Vauhin.

Ao presentirem a approximação dos expedicionarios, os indios abandonaram os seus ranchos e embrenharam-se pela mata, sem quererem attender aos chamados dos interpretes. O panico, como explica o chefe Vauhin originou-se de que elles não esperavam, áquelle hora, em que chovia torrencialmente, a chegada da columna exploradora, e o inopinado dessa marcha, aggravado pelo desordenado temor das mulheres e creanças, fez generalizar o medo até aos homens, que tambem correram.

O Tenente Rabello deixou nos ranchos grande quantidade de machados, facões, cobertores e outros presentes, depois do que regressou para o acampamento do Ribeirão dos Patos, para dali vir apresentar-se ás autoridades militares conjuntamente com os seus esforçados ajudantes em cumprimento de uma ordem do Ministerio da Guerra.

Com 6 mezes de trabalho, o Tenente Rabello deixava o programma da pacificação dos Caingangs, antes considerados como *irreductivets*, nitidamente encaminhado para o feliz e desejado desfecho. Graças á applicação rigorosa do plano do Coronel Rondon, á ausencia absoluta de toda e qualquer manifestação que pudesse ser interpretada como hostilidade ou má vontade (basta dizer que durante todo esse tempo não se deu um unico tiro, nem mesmo para matar esplendidas peças de caça que passavam quasi ao alcance da mão), e ás reiteradas provas de paciencia e de amizade, traduzidas pelos brindes deixados na floresta, graças a tudo isso, repito, já muito se havia modificado a noção que os indios tinham sobre os moradores do Ribeirão dos Patos e começava a despontar em suas almas a confluência que os havia de conduzir a se fazerem nossos amigos. Além disso, a attenção dos selvícolas tendo sido vivamente solicitada para os acampamentos e trabalhos da inspectoría, ahí se concentrava, e elles, por isso, abandonavam outras excursões, pelas quaes, dantes, ameaçavam quasi toda a estrada Noroeste. Havia-se construido um bom acampamento nos Patos, plantado roças de milho e de feijão e rasgado, em plena floresta virgem, uma magnífica estrada de penetração, de perto de 50 kilometros, pela qual ficavam abertas e faccis as communicações entre os indios e os civilizados empenhados em conquistar-lhes a amizade.

A retirada brusca dos officiaes ameaçava de ruina completa todos estes grandes trabalhos realizados através de tantos sacrificios, pois que o pessoal empregado nos diversos serviços ficava do dia para a noite entregue a si mesmo, sem a acção coordenadora de um chefe.

Para evitar esse calamitoso desfecho de uma obra, cujo coroamento já se previa para um futuro bem proximo, resolveu o Sr. Manoel de Miranda, sub-director do Serviço de Protecção aos Indios, ir pes-

soalmente para aquelles sertões, afim de tomar as providencias necessarias á conservação do que já estava feito, até que se podesse designar a pessoa que devia substituir o Tenente Rabello.

Aproveitando a occasião aquelle chefe decidiu fazer uma inspecção geral de todos os trabalhos já terminados, e para isso organizou uma expedição, a cuja frente percorreu a estrada aberta pelos Tenentes Rabello e Sobrinho, até á aldeia do rekakê Vauhin.

Os habitantes dessa aldeia não haviam voltado a occupal-a e a nova expedição só encontrou um indio, que hoje sabemos chamar-se «Pehê», surdo-mudo, para alli destacado como atalala e guarda dos ranchos abandonados.

Ao divisar os expedicionarios, sahio elle em desabalada carreira, e mettendo-se pela floresta a centro foi levar ao seu chefe e irmão a noticia da nova invasão. Diz-nos agora o «rekakê Vauhin» que as mulheres e creanças aterrorizavam-se tanto com essas visitas, por temor de que ellas acabassem repetindo as atrocissimas carnificinas dantes praticadas pelos «bugroiros», que de toda a necessidade se impunha providenciar para que não continuassem.

Por isso veio elle, acompanhado de mais um guerreiro, de nome Recandu, esperar o regresso da expedição num ponto do caminho que lhe pareceu propicio á emboscada que projectara.

E quando a columna chegou a esse ponto os dous Caingangs não trepidaram em assaltal-a, apesar de ser ella composta de mais de vinte homens, todos portadores de carabinas. Das flexas, disparadas com espantosa rapidez e precisão, uma bateu no arção da sella do animal cavalgado pelo Sr. Manoel de Miranda e por ponco não lhe causou um ferimento, que seria fatal; outra ferio o interprete Futolo.

Graças á calma do chefe da expedição, a boa ordem da columna nada soffreu com

esta surpresa e os interpretes Veizmon e Futolo começaram logo a fallar para os invisiveis assaltantes, repetindo os appellos á paz e os protestos de amizade. Então, pela primeira vez, aquelles Caingangs, responderam ás palavras que lhes mandavamos dizer e travaram um longo dialogo com os interpretes, dialogo de que resultaram esclarecimentos preciosos para o futuro da campanha pacificadora.

Comtudo, entre os indios ainda havia muitos espiritos trabalhados pela profunda desconfiança que nelles implantaram os 50 annos de guerra com os civilizados. Um desses decidiu vir sósinho ao acampamento dos Patos, onde já havia chegado a expedição, e approximando-se do ribeirão, protegido pelo milharal, descobriu um homem que se banhava e contra elle desferio uma flexa. Cito este facto não só porque elle serve para evidenciar a audaciosa coragem dos guerreiros Caingangs, como tambem porque d'elle resultou, dias depois, a unica morte que até hoje teve de lamentar a Inspectoria de S. Paulo em todo o decurso dos seus arriscados trabalhos nos sertões da Noroeste e de entre o Felo e o Peixe.

Com a retirada dos officiaes era impossivel continuar a Inspectoria a utilizar-se dos serviços do destacamento do Exército, que estava ás suas ordens. Era, pois, feroz dispensal-o; mas dispensando-o não se podia deixar no acampamento os tres ou quatro empregados civis que lá existiam.

Sobre tudo isto providenciou o Sr. Manoel de Miranda, mandando evacuar aquelle acampamento, e recolherem-se os empregados e o material a Miguel Calmon.

Depois, nomeado novo Inspector, em Janeiro de 1912, tratou-se de reorganizar o serviço para continuar a obra interrompida.

A grande difficuldade que então se apresentava consistia em que, tendo-se de formar todo o pessoal só com civis, ficava

se exposto a ter, no fim de cada mez, uma interrupção dos trabalhos, porquanto é systema dos «camaradas» não se demorem nos empregos mais do que o tempo necessario para ajuntar alguns mil réis, que logo se apressam a ir gastar nas cidades ou povoações.

Para obviar a este inconveniente assentou-se em mandar contratar no Paraná uns doze Caingangs civilizados.

Chegados elles, em Fevereiro, tratou-se sem mais demora de reinstallar o acampamento dos Patos, nessa occasião muito frequentado pelos selvícolas que alli vinham abastecer-se de milho verde.

Então recommegaram as vigílias; as ariscadissimas explorações de trilhos, para a descoberta de lugares proprios para nelles deixarem-se brindes; as difficuldades de, á noite, conter-se o panico das mulheres e mesmo de alguns homens, apavorados quando ouviam o estrugir das buzinas ou o reboar das formidaveis pancadas vibradas contra arvores, por braços que se adivinhavam possantíssimos; e mais o trabalho de desfargar esse panico com musicas de gramophone, com os cantos de paz da «Vanuire» e as vezes dos interpretes chamando os temiveis visitantes para que entrassem no acampamento afim de receberem machados, cobertores e collares.

Felizmente esta situação não chegou a durar dous mezes. Um pouco depois do meio-dia de 19 de Março, no alto do caminho que vem do rio Feio, apresentaram-se a pello descoberto dez guerreiros Caingangs, inteiramente desarmados e com a resolução evidente de travar relações com os occupantes do acampamento dos Patos.

A natural excitação dos primeiros momentos só durou o tempo necessario para a admiravel Vanuire dar-se conta do que se passava; então, correndo com enthusiasmo incrível, foi ella resolutamente metter-se no grupo formado pelo Caingangs e induzio-os a acompanhala até ao recinto do acampamento.

Recebidos com o carinho que é facil de imaginar-se, esses homens foram logo vestidos e cumulados de presentes e mimos.

De todas as cousas que nessa occasião lhes foram mostradas, nenhuma lhes causou mais admiração e viva alegria do que o phosphoro. Quanto ás comidas e ao assucar elles, ainda lembrados da mortandades de que haviam sido victimas os moradores de uma aldeia do rio do Peixe por se terem utilizado de generos envenenados, propositadamente levados para a floresta por um bugreiro de Campos Novos, não os aceitavam sem primeiro nós os provarmos.

Chefiava essa primeira turma o «rakakê Vauhins», que por prudencia havia deixado o resto do seu povo, as mulheres e orianças, reunido além do rio Feio, com instrucções para que, caso fracassasse a sua generosa iniciativa e elle morresse, todos se salvassem, embrenhando-se na mata rumo de oeste.

Por isso mesmo elle precisava regressar quanto antes para o meio dos seus, afim de levar-lhes a auspiciosa noticia e assim restituir-lhes a tranquillidade.

A esse primeiro grupo seguiram-se outros, e não tardou que tambem viessem algumas mulheres, unica manifestação verdadeiramente valiosa para provar a realidade da confiança do indio em seus novos amigos.

Tambem do nosso lado succederam-se as expedições e visitas ás aldeias do Vauhins, onde existiam então para mais do cem indios, seguidas de incursões para além do Presidente Tibiriçá e da descoberta de novos cursos d'agua tão importantes como este, aos quaes se deram os nomes de rios dos Caingangs e 19 de Março. Nestas expedições, todas levadas a effecto pelo destemeroso José Candido Teixeira, auxiliar da Inspectoria, foram reconhecidas as situações das aldeias dos outros rakakês, que eram, nesse anno, Congue-Hui, Cangrui, Rugrê, e Cha-

rin. Ficou-se então sabendo que toda a população de Caingangs paulistas, a qual seguramente não excede de 500 pessoas, acha-se localizada em aguas da margem esquerda do Feio e Aguapehi; a mais oriental das aldeias é a de Vanhin collocada aquem do Tibiriçá, e a mais occidental é a de Charin, situada nas cabeceiras do ribeirão Itauna que desagua no Aguapehi, logo acima do salto Carlos Botelho.

Extendidas, rapidamente, as relações de amizade a todos os rekakês, os quaes visitam frequentemente o acampamento dos Patos, foi-nos facil fazer algumas observações sobre os uzos e costumes desse povo, tão injustamente taxado dantes de feroz e de incapaz de assimilar a nossa civilização.

Comçando agora a expôr os resultados dessas observações, devemos, em primeiro lugar esclarecer a questão do nome porque são designados estes indios.

Até ha bem pouco tempo dava-se-lhes geralmente a denominação de «Coroados», denominação essa radicalmente impropria, porquanto homens, e mulheres usam o cabelo aparado á moda que dizemos «ingleza», segundo a qual se penteiam muitas das nossas creanças.

A unica explicação que pode ter esse nome reside no facto de trazerem os meninos Caingangs a cabeça raspada, deixando-se-lhes, ora uma orla de cabelos em volta do cráneo, ora três madeixas, duas cahindo na parte deanteira das orelhas e a terceira na nuca. Dada a maior facilidade de se aprisionarem creanças, conjecturo que, por ahí, foram os bugreiros induzidos a suppor que tambem os adultos adoptavam o uso do qual se poderia derivar a designação de «Coroados».

Mais recentemente generalizou-se a denominação de Caingangs, que invariavelmente adoptamos. Mas, os indios paulistas antes de entrarem em relações connosco desconheciam esta palavra. Parece-me que ella nos vem do vocabulário do Paraná e

talvez tambem pertença ao dos grupos Riograndense e Argentino.

A verdade é que os habitantes da floresta do Feio não possuem um termo com que designem genericamente o povo que constituem. Na sua linguagem só encontramos a palavra «cainqué», que equivale ao nosso «parente» (mas só até um certo grão de consanguinidade) cujo sentido, depois de convenientemente alargado, poderia adaptar-se aquella função.

Quanto á organização politica, os seus laços são tão frouxos que se é antes levado a dizer que ella não existe. A autoridade, em cada grupo, reside num chefe appellidado rakakê; ella se transmite por hereditariedade quando o herdeiro é sufficientemente valente e emprehendedor para se fazer respeitar pelos demais guerreiros.

Comtudo essa autoridade só é verdadeiramente activa e sensivel nas occasiões dos emprehendimentos difficeis e nas grandes festas, sempre dadas em nome do chefe. Subditos propriamente ditos, os Caingangs não são pois rakakê trabalha como qualquer outro homem, para prover á subsistencia propria e á de suas mulheres e filhos.

Muito mais bem definida é a instituição da familia. Os homens vulgares têm uma só mulher; os mais emprehendedores, porém, chegam a ter duas, numero que nunca é excedido. Os maridos são muito carinhosos com as mulheres, que os acompanham por toda a parte, até mesmo nas expedições de guerra. Mãis e pais tem para com os filhos uma paciencia que parece illimitada; nunca lhes batem e muito se affligem com qualquer soffrimento que os faça padecer.

As mãis prolongam excessivamente o periodo de amamentação dos filhos, e emquanto elle dura, não os deixam sosinhos um só instante, levando-os para toda a parte em que vão, ou ás costas, sustentados por uma cluta de casca de cipó Imbé, que se

lhes apela na festa, ou, quando já sabem andar, pela mão.

A autoridade dos pais não cessa com a maioridade dos filhos e estende-se mesmo até depois do casamento destes.

Vimos uma mãe viuva fazer e desfazer dous casamentos de sua filha, contra a vontade desta e dos genros.

A formação dos casacs obedece a leis complicadas, dependentes dos grupos e sub-grupos em que se dividem as famílias Caingangs. Desses grupos, os principais denominam-se CAMENS e CANHERUCRENS; os casamentos só se podem dar entre homens de um grupo e mulheres do outro; assim, por exemplo, um homem CAMEM só poderá tomar mulher CANHERUCREM. No entanto não se deve pensar que seja lícito o casamento de qualquer Camem com um Canherucrem também qualquer, porque para complicar o problema, intervem a divisão em sub-grupos, aliás bastante numerosos; indivíduos de um certo sub-grupo camem, só se poderão casar com os de taes sub-grupos canherucrens, salvo certas excepções, que também as ha nas regras Caingangs, para maior confusão da solução de uma questão que nos parece dever ser tão simples.

Tambem são absolutamente vedados e considerados com o mesmo horror que nos inspiram os casos de incesto, os enlaces entre cainquês, isto é: pais e filhos, irmãos e irmãs, tios e sobrinhos, primos e primas.

Parece que, com o intuito de trazer sempre viva na memoria a prohibição destes dois ultimos casos, cuja infracção pune-se com a morte dos culpados, estabeleceu-se o uso dos sobrinhos chamarem os tios de IOG, (meu pai) e as tias de IAM (Minha mãe), bem como estes só tratarem aquelles de COCHITE isto é filhos; analogamente os primos chamam-se de RANGRE, isto é, irmãos, e tudo isto, não obstante existirem

na lingua Caingang nomes proprios para designarem esses graus de parentesco.

Os casacs enquanto não têm filhos, são instaveis porém depois tornam-se indissolúveis. As mulheres casadas guardam escrupulosamente a fidelidade conjugal e todas têm um recato que causaria profunda decepção aos nossos levianos forjadores de hypotheses caso pudessem elles observal-as de perto.

Um uso interessante é o dos pais entregarem as filhas, quando chegam á puberdade, a um dos seus «cainquês», ao qual incumbem, dahi por diante, zelar por ella e sustental-a, até a data do seu casamento. Por este uso, o filho mais velho, que têm a seu cargo o sustento de uma irmã, não pode contrahir casamento antes della.

Quando as mulheres sentem que se vão tornar mães, internam-se no mato fugindo ás vistas de todos. Ahí, sosinhas, dão a luz aos seus filhos; mas, apenas algum homem ou mulher ouve os vagidos da criança precipita-se para o ponto de onde elles partem e suspendendo o recém-nascido nos braços, dá-lhe o primeiro nome.

Aos 7 annos, mais ou menos, se a criança é menino a mãe esfrega-lhe, em determinados períodos, todo o corpo com a folha de uma certa arvore, derramando-lhe agua pela cabeça, com a esperanza de, por esse meio, dar-lhe fortaleza de animo e disposição para o trabalho; nessa occasião o menino recebe um sobre-nome. Noutras occasiões elle pode ainda receber ou tomar mais alguns appellidos, os quaes se ligam a acontecimentos notaveis de sua vida.

Terminada a cerimonia das fricções acima referidas, o menino começa a aprender com o pai o manejo do *cá*, ou pccrete vulgarmente chamado pelos sertanejos da Noroeste de *guarantan*; a essa aprendizagem junta-se a de atirar com arco e flexa e depois a das caçadas.

Quando tudo isto está bem sabido e o rapaz mostra-se capaz de prover á subsis-

tencia própria, então pôde casar-se, cousa que se faz sem outro aparato a não ser o do caingá encarregado da noiva conduzi-la até ao leito do futuro marido. Estas cousas se passam, para a moça, quando ella chega á puberdade, época que, na falta da contagem dos annos, pela qual se possa avaliar a idade, se conhece por um phenomeno commun ás mulheres de todas as raças. Mas como as Caingangs são muito precoces, acontece depararem-se com meninas já casadas que apparentam ter apenas treze annos ou ainda menos do que isso.

Quando morre um Caingang dous homens se postam de cócoras, um de cada lado da cabeça, tangendo maracás, cantando e soprando-lhe constantemente nos ouvidos. Emquanto isso, os parentes e amigos conservam-se agrupados e silenciosos, de pé, á cabeceira. Depois dobrão-lhe as pernas sobre a barriga e amarram-no de modo que possa ser carregado dorso contra dorso, por um homem, que o leva para o cemiterio. Ahí abrem uma cova, cujo fundo é forrado com folhas de palmeira á moda das camas usadas por esses indios. Depositam o cadáver sobre as folhas, pondo-lhe ao lado os objectos, utensilios e enfeites de seu uso, bem como muitos presentes dados para esse fim pelos parentes e amigos. As cousas pertencentes ao morto e que o não acompanham na sepultura, como os animaes por elle domesticados ou os objectos que se acham, por qualquer motivo, ausentes do lugar em que se deu a morte, são impiedosamente destruidos e queimados.

Na bocca da sepultura constróe-se um estrado ou estiva de madeira e sobre este estrado amontoa-se terra, não só a retrada para a abertura da cova, como tambem muito mais que se escava dos lados. Em epochas certas, no meio de festas, chamadas *kiki-cóia*, vltam os Caingangs a refazer esse monte de terra, de sorte que elle alcance, ás vezes, a alturas notaveis.

As exequias porém, continuam-se por mul-

tos dias: homens e mulheres, com as cabeças envolvidas em longos pannos — *curus* — entregam-se a um choro infundavel, seguindo os rythmos de uma melopéa triste e por fim enfadonha. Emquanto dura este choro, os indios não attendem a nada do que possa occorrer em torno delles: nada os faz distrahir-se daquella funebre occupação.

Se o morto deixa viuva, esta retira-se para lugar ermo, onde, por muitos dias, que chegam ás vezes a um mez, conserva-se em completo isolamento, evitando cuidadosamente lançar as vistas sobre qualquer pessoa, na persuasão de que o seu olhar é, nesse periodo malefico e até mortifero. As cousas de que ella então pôde necessitar, como as provisões, são-lhe trazidas por algum parente ou amigo, que, precavido, os deposita longe do alcance da pernicioso influencia visual. A inclusão na sepultura de objectos e utensilios, como arcos, flechas, machados, tecidos, collares, etc., justifica-se pela necessidade que delles continua a ter o morto; a destruição dos que não são ou não podem ser enterrados faz-se para que o defunto não os venha buscar á aldela. No entanto ainda ha uma difficuldade ou perigo a remover: é o de que o morto solicitado pela saudade das pessoas que lhe são caras entenda vir procural-as entre os vivos e leve-as para a sua habitação subterranea. Porém, tão grande risco conjura-se facilmente, graças a umas pintas que se fazem no rosto, nos braços e tronco, com pó de carvão aglutinado com leite de certo cipó; a essa precaução junta-se mais a de raspar as sobrancelhas.

O modo acima referido, de fazerem-se os enterramentos Caingangs é de instituição bastante recente, porquanto os homens de hoje contam que na sua meninice usava-se sepultar o tronco numa cova emquanto que a cabeça, separada e mettida num vaso de barro, era objecto de grandes solemnidades, depois das quaes se a enterrava. Esta pratica antiga parece que resultava das con-

dições em que vivia a nação Caingang quando ella dominava ainda uma região muitas vezes maior do que aquella em que agora se acha confinada. De sorte que seriam frequentes as mortes occorridas em pontos tão distantes dos cemiterios que impossivel seria transportarem-se os corpos até elles. A difficuldade resolvia-se dando ao tronco sepultura no mesmo lugar em que se verificava o trespassse e conduzindo a cabeça para a aldeia, para ahí receber as homenagens funebres.

Influenciado por esse uso antigo, é que os Caingangs costumavam decepar os cadáveres das victimas que faziam em seus assaítos; carregavam as cabeças para sepultal-as no meio de cerimoniaes que parecem ter alguma cousa de expiatorias.

Passando, agora, á alimentação desses indios, examinemos em primeiro lugar os artificios por elles empregados nas caçadas e nas pescarias.

A mais apreçada das carnes é a da anta — *úro* — que elles apanham em laços fortissimos, feitos de cipó imbe ou scão matando-as a flexadas, indo para isso surprehen-de-as de dia em seus retiros, guiados pelos rastros que seguem com incrível facilidade.

Immediatamente depois dessa, collocam a carne de macacos ou bugios — *canhero* — dos quaes matam enorme quantidade, por meio do arco e flexa.

Para estas caçadas os Caingangs vão em grupos. Quando descobrem um bando, fazem, por baixo das arvores em que elle se acha, uma algazarra infernal; os macacos ficam com isso estatelados; é então que os homens desferem os seus tiros certeiros. Depois de algum tempo os sobreviventes do bando procuram fugir, mas emquanto vão pulando de ramo em ramo, por baixo, os indios os acompanham em gritaria; o bando pára de novo, como que preso pela fascinação daquella atoarda e os atraçoes da flexa, recomeçam a matança soceadamente.

E esta scena se repete, até terminar, quasi sempre, pela extincção do bando.

Nas caçadas de porcos do mato usam os Caingangs cercar as varas que encontram; depois, apertando o cerco, investem contra os animaes e os abatem a pauladas; nestas batidas, é tambem commum não lhes escapar uma unica peça.

É costume desses indios fazerem das cavelras das antas, dos porcos e matacos por elles caçados, especies de rosarios, ligando-as umas ás outras por meio de cipós e dependurá-las, assim, em arvores ou no interior dos ranchos.

Para apanharem os passaros empregam flexas de quatro pontas ou, senão, as de viroté. Além disso, usam laçadas com auxilio de um cordel preso á extremidade de uma vara longa e delgada. O mahojo deste laço exige grande delicadeza de movimentos e muita paciencia, porque o caçador, trepado numa arvore, quando se trata de pegar periquitos ou maitacas, ou no chão, quando se trata de pombas, inhambús, etc., mas sempre escondido por uma tapada de folhas de coqueiro, tem de passar a laçada pela cabeça do passaro e depois, erguendo a vara, segurá-lo pelo pescoço. Tudo isto passa-se de modo que seria mais justo dizer-se que os Caingangs assim «peccam» os passaros.

Quando se trata de periquitos ou maitacas, esse caçador de canço leva consigo um chanariz, ao qual faz gritar, conseguindo dest'arte reter o bando ao alcance do laço; quando se trata de pombas, collocam o milho de um lado da tapagem e, por essa fórma, que não é nenhuma novidade, as attrahe e reúne.

A vantagem deste modo de apanhar os passaros é que, por ficarem elles vivos, pôde-se ter nas aldeias, ao alcance da mão, uma reserva de carne fresca, pela qual se quebra a monotomia das outras, conservadas pelo conhecido processo do «moquem».

Ha' certos animaes que os Caingangs não comem; por exemplo: a onça e, o que é mais admiravel, o veado. Quanto á onça, explicam que sentem repugnancia em comer essa carne por ser ella muitas vezes formada á custa das de algum indio; quando á do veado, porém, ainda não deram uma explicação que justifique tão inesperada abstinencia.

Um uso bastante singular e que se está perdendo rapidamente, sob a influencia do que elles observam entre os civilizados, é o do caçador nunca se utilizar da caça abatida por suas proprias mãos; animal que um mata outros o comem, e nisto não ha propriamente permuta porque o indio entrega o fruto de suas fadigas venatorias ao primeiro companheiro que encontra e vai receber de outro o que ha de servir para a sua alimentação.

Acontece muitas vezes apanharem elles filhotes de passaros, de anta, macacó, etc., os quaes são entregues ás mulheres, que os criam com infinitos cuidados e muita paciencia.

Esses animaes, quando vingam, são tratados com mimos illimitados por toda a aldeia e o Caingang se encheria de horror por quem matasse e comesse algum delles. Isso seria, aos seus olhos, alguma cousa parecida com um acto de canibalismo; por tal motivo, nos primeiros tempos da pacificação, os indios censuravam-nos pelo destino que nos viam dar ás nossas aves domesticas, e foram precisos alguns mezes para animarem-se a provar a carne de gallinha, da qual, allás, já se tornaram apreciadores, com um enthusiasmo que nos parece agora excessivo.

Apaixonados pelo peixe, os Caingangs são, no entanto, pessimos pescadores, se é que este nome se póde dar a quem não emprega outros recursos senão o de esgotar algumas lagoas formadas pelas enchentes e depois pegar á mão os pescados nellas existentes ou esperal-os nas épocas de desova

em saltos e corredetras e apanhar os que, errando o pulo, cahem em secco ou finalmente matando á flexa algum que apparece pelas margens do rio.

Em todos os casos os Caingangs só se alimentam de carnes muito bem cozidas, chegando mesmo a sua exigencia sobre este ponto tão longe que nas nossas mesas recusam os bifes de que nos servimos, por achal-os crús. Para prepararem os seus amoqueus, usam, além dos processos geralmente empregados nos sertões, abrir no chão uma cova que aquecem fortemente com brasas e lenha; depois, chegado o calor ao gráo desejado, retiram todo o combustivel e collocam allí a carne a assar, préviamente envolvida em folhas verdes; feito isto, estivam a abertura da cova e cobrem tudo com uma espessa camada de terra. A cocção dura quasi um dia inteiro, mas em compensação dá ás carnes um sabor muito mais agradável do que o obtido pelos outros meios.

Não só de caça vivem os Caingangs, pois a floresta fornece-lhes tambem grande variedade de fructos e côcos; entre os primeiros citaremos as saborosas jaboticabas, as pitangas, os «gragoatás», os ananazes e muitos outros que seria fastidioso nomear. Utilizam-se igualmente do palmito, que comem crú ou guizado com carne ou com feijão, nome este que serve para designar as larvas de certo coleoptero, que se desenvolvem nos troncos derrubados de uma determinada especie de palmeira.

Desta larva, que tambem comem crúa, são os Caingangs tão grandes apreciadores quanto entre nós os cavalheiros e damas de delicado paladar o são das ostras, crús ou preparadas, e dos caramujos vindos de França.

Além do que lhes dão as suas bellissimas florestas, têm os Caingangs os recursos que retiram de suas roças, onde cultivam aboboras, — *perró* — uma fava branca, a que chamam *rangró*, e o milho — *inhere*, das variedades, roxa, branca e grenat, originarias

do Brasil, as quares, talvez por isso, parecem condemnadas a desaparecer, substituídas pelo grão turco, que é o que se planta em nossas lavouras.

O milho occupa, na alimentação desses índios, um lugar tão preponderante quanto o representado pelo trigo na das populações do velho mundo.

Quando verde, elles o comem assado, cozido ou em broas, as cannas fornecem-lhes o seu caldo assucarado, parecido com o da extremidade superior das nossas cannas de assucar. Depois de maduro, comem-no assado ao borralho, ou reduzido a farinha ou em fórma de pães — *tambú*, — cujo unico inconveniente, ao menos para o nosso paladar, é ter um sabor picante, que lhe vem do facto de porem o milho mergulhado em agua corrente, durante alguns dias, até alcançar a certo grão de azedume.

Posto a fermentar, em grandes vasos de barro — *coerow-bang*, ou em cochos escavados em troncos de *jaracatia* de mistura com mel, o milho fornece ainda o *kiki*, bebida de gosto agradável, levemente alcoolizada, da qual só se faz uso nos dias de festa.

Os Caingangs constroem suas casas, segundo dous typos: o primeiro de uma só agua, o segundo de duas. Sobre varas fincadas no chão com uma inclinação de 45 gr. mais ou menos, e apoiadas no seu terço inferior sobre uma viga horizontal, amarram-se outras, também horizontaes, com cipó, destinadas a representarem o papel de ripas, e nellas se fixam folhas de coqueiro; tem-se assim uma casa do primeiro typo, a qual fica completamente desabrigada pela frente e pelos flancos.

O outro typo constroe-se fechando a frente do anterior, por uma outra coberta feita segundo o mesmo processo; uma dessas duas cobertas, porém, excede superiormente á outra, affim de obviar ao inconveniente da construção não possuir cumleira, os flancos ficam geralmente abertos, mas ás vezes collocase em um delles uma terceira tapagem.

Sob a influencia do que observam no nosso acampamento, já começaram elles a modificar as suas construcções, adoptando esteios e cumleira; mas as paredes ainda continuam a ser suppridas pelo prolongamento das coberturas até ao sólo.

Em viagens ou expedições, para caçadas ou outros fins, os Caingangs nunca pernol-tam sem antes construírem alguns abrigos, rapidamente feitos, segundo o primeiro typo.

Quando, porém, um homem viaja sózinho, o que raramente acontece, passa as noites no alto de algum coqueiro, cujas folhas enrodilha e entrelaça com tanta arte, que ahí consegue, segundo affirmam, dormir com toda a tranquillidade e segurança.

Para este mister escolhem os coqueiros e não arvores, porque alli têm certeza de não serem sorprendidos e devorados pelas onças.

No interior dos ranchos, os Caingangs fazem as suas camas sobre o chão, forrado com folhas de coqueiro, e enquanto dormem, têm os pés aquecidos por uma pequena fogueira e o resto do corpo envolvido nos pannos a que dão o nome de *curu-cuchá*.

Até a data da pacificação, elles só conheciam um meio de fazer fogo: era rolando entre as palmas das mãos uma vareta de madeira rija, cuja extremidade inferior applicava-se sempre no mesmo ponto de um pedaço bem secco de pedunculo de cacho de côco; o movimento de rotação alternativa, assim impresso á vareta, produzia na parte friccionada um pó tenuissimo, o qual acabava inflammando-se, depois de uma extrenuo trabalho, que se podia prolongar por muitas horas e que nem sempre dava o resultado desejado.

Para evitar a necessidade de repetir amudadamente essa penosa operação, que competia aos homens, applicavam-se as mulheres em conservar o fogo obtido, alimentando para isso incessantemente as fogueiras domesticas.

Quando saíam para caçadas ou expedições, levavam consigo um tição acceso e

protegido com tal arte, que não havia receio de se extinguir facilmente.

A paciência e aplicação dos Caingangs aos trabalhos exigidos para a provisão das cousas necessarias á sua vida manifestava-se não só na produção do fogo, como tambem em muitas outras occasiões.

Assim, por exemplo, a confecção dos utensillos de uso corrente, como as pinças de madeira, para apanhar no boralho as bróas e os grãos de milho torrado; os balalos de varios feitios e tamanhos; tecidos com taquirina; os pilões, abertos a fogo lento, em copos de madeira, dirigindo-se a combustão de tal sorte que, depois de promptos, se julgariam feitos com auxilio de nossas ferramentas, manejadas por mão de perito carapina.

O mesmo se deve dizer da fabricação dos vasos de barro, de cor preta, e obedecendo á fórma geral de um parabolóide de revolução, fórma que parecia não dever ter sido a preferida, pela apparente difficuldade que ha em os manter de pé.

Estes vasos distinguem-se em duas categorias que se differenciam pelos formatos das bordas: — os chamados «cocrans», que servem de panelas e chegam, ás vezes, a ter capacidade de perto de 25 litros, e os «petkê», que são os pratos dos Caingangs. Ninguem pôde imaginar o que custa ás indias, que são as artifices desses «cocrans» e «petkê», bem como dos pilões, de paciência e de habilidade, a fabricação de taes vasos, que ellas fazem sem o auxilio de nenhum instrumento, amoldando o barro só com as mãos e os dedos; tambem não é menos admiravel a resignação com que essas mulheres, muitas vezes, vêm o seu trabalho inteiramente perdido, quando, na operação final do cozimento, o barro, sob a acção do fogo, estala e fragmenta-se.

Que dizer, então, da pericia revelada por essas mesmas mulheres na prepara-

ção de fios de fibra de gragoatá, e na urdidura dos tecidos que com elles fazem, para as tangas e os «curu-cuchá», pannos de agasalho contra o frio, sabendo-se que todo esse trabalho é feito a mãos absolutamente livres, sem o auxilio, sequer, de um dispositivo que permita ter os fios destendidos?

No entanto, os Caingangs conseguem assim, não só manufacturar pannos muito bem tecidos, como, além disso, fazel-os, pela inserção de fios tingidos de vermelho e negro, com desenhos de figuras geometricas bem traçadas.

Dentre os artefactos usados por esses indios citarei ainda os collares, feitos, uns com as sementes de cor preta de certo vegetal, furadas e enfiadas num cordel de fibra de gragoatá; outros, com os incisivos de macacos, entremeados com presas e garras de onça e de outros animais.

Todos esses dentes eram antigamente encastoados em um tecido; agora, porém, são perfurados com auxilio de agulhas e depois enfiados numa linha.

As mulheres cobrem-se com tangas que lhes envolvem inteiramente toda a parte inferior do tronco e descem até aos joelhos.

As moças, além da tanga, trazem uma cinta larga, de casca de cipó imbé, fechada em circulo e cosidas as extremidades; de sorte que para o usar é preciso a pessoa erguer os braços e juntar as mãos, enquanto uma ajudante a enfia, de cima para baixo, até chegar ao lugar desejado.

Os homens andavam inteiramente nus, e desde meninos traziam á cintura um cordão que a cingia em numerosas voltas; não conseguiram ainda os empregados da Inspectoria descobrir a significação desse cordão, cuja utilidade é, evidentemente, nenhuma.

Quanto ao armamento, usam os Caingangs arcos de dimensões e forças pro-

porcionadas ao emprego a que se destinam; assim, os de guerra, também utilizados contra as onças e antas, regulam ter dois metros de comprimento e são tão grossos que a mão mal os pôde abarcar; os destinados a matar macacos e outros animais de menor porte são muitíssimo mais leves, mais curtos e finos.

As flexas, cujo comprimento deve exceder, segundo medidas fixas, a altura da pessoa que a fabrica e utiliza, compõem-se de tres partes: a ponta, o corpo — que é uma vareta de madeira — e o cabo, portador das pennas, feito de taquarilha.

Para as caças mofudas emprega-se a ponta feita de uma lasca de tibia de macaco; na guerra, e contra animais corpulentos, a choupa de ferro. As flexas para passarilhar são muito mais curtas que as outras, e dotadas de quatro pontas de madeira, divergentes e ásas; ou, senão, de um batoque rombudo, cujo effeito é derrubar o passaro sem o ferir, só atordoado pela pancada. As pennas empregadas para dirigir o vôo das flexas são tiradas das azas de urubús e araras.

Os Calngangs, como a maioria dos indios brasileiros, não envenenam as pontas de suas flexas.

Para terminar esta enumeração de artefactos Calngangs, ainda citarei os enfeites de pennas, usados pelas crianças, enfeites de que temos conhecimento só pelas referencias que delles nos fazem os indios; e de um brinquedo chamado «nandira», formado de um disco de barro, atravessado normalmente por uma haste finissima de madeira; fazendo-se rolar a parte superior dessa haste entre as palmas das mãos imprime-se ao «nandira» um movimento de rotação que o faz funcionar como as nossas piórras.

Em certas occasiões os Calngangs reúnem-se para as festas, a que chamam «kiki-coia», isto é, o kiki que está para ser comido, as quaes consistem em

cantos e danças realizados em torno de monumental fogueira, e duram dias e noites seguidas até se acabar a provisão da bebida, previamente preparada em quantidade enorme. Destas festas, a principal ou a mais sensacional é a que se realiza por occasião do milho verde, quando se declara a maioridade dos rapazes ou a sua capacidade para contrahirem casamento, e as mulheres que envolveram no correr do anno são desobrigadas dos ultimos deveres que ainda as ligava aos seus defuntos maridos e postas em condições de convolarem a novas nupcias.

Mas todas as festas começam, invariavelmente, pela ida dos homens e rapazes já declarados maiores ao cemiterio da aldeia, para refazerem o monte de terra que corôa as sepulturas; nesta parte, que se faz, como todas as outras, entre cantos e com movimentos rítmicos, não pôde figurar mulher alguma, nem menores.

Regressando á aldeia os homens, começa em torno da fogueira a dança, na qual tomam parte os individuos de todos os sexos e idades, com as sobrancelhas raspadas e os corpos salpicados de pintas negras, feitas de pó de carvão misturado com leite de certo cipó, nuns individuos redondas, noutros alongadas, conforme pertencam ao grupo *camen* ou *canhuruera*.

Os homens dançavam antigamente empunhando os seus arcos ou ramos de arvores; agora, porém, preferem apresentar-se com os machados e foices, que lhes dá o Governo Federal por intermedio da Inspectoria de S. Paulo.

No *kiki-coia* só é fixa a melopéa, segundo a qual se deve fazer tudo o que no momento interessa, e a regra de ninguem beber o liquido que tira com as proprias mãos do cocho ou dos cocrons; tudo mais varia, segundo a occasião da festa e segundo o personagem que canta. Um indio, tendo enchido de kiki o seu *petké* ou *caneca*, entrega-a a outro, que pôde ser homem ou mulher, este.

recebendo-o, bebe de um só trago o liquido nelle contido e para all ficam os dous frente a frente, balançando os corpos a cantar o que se têm a dizer.

É assim que se rememoram e se liquidam paesados desdidos; relatam-se peripecias de viagens, de excursões e de caçadas; ensinam os pais aos filhos a historia e as tradições da nação e, sobretudo, rememoram-se as lutas com as *sógs* — extranhos ou inimigos de outras raças, assentando-se então o plano de desforras terríveis e vingativas.

O *kiki*, que se obtem não só pela fermentação do milho misturado com mel, como já foi dito, mas tambem de igual infusão de flores de coqueiro retiradas de spatas ainda verdes, é bebido em tão grande quantidade que alguns individuos ficam embriagados: então dizem os outros que estes *morreram-têre*, e para lhes restituir a vida empregam os cantos e os cerimoniaes usados quando occorre uma morte qualquer.

O unico instrumento de que se acompanham nos seus cantos é o maracá, lançado pelo *rekaké* da aldeia em que se realiza a festa, o qual fica de parte, zelando pela boa ordem de tudo e servindo de mestre de cerimonia.

Todas as observações que pudemos fazer dos usos e instituições dos Caingangs, principalmente nas occasiões decisivas dos *kiki-coia*, conduziram-nos á conclusão de que elles só têm um culto: o dos mortos; que, por ora, só ha entre elles um principio de adoração, — a do fogo, do qual o *rekaké*, no decurso da festa, aproxima-se varias vezes, para, de cócoras e sempre tangendo o maracá, dirigir-lhe algumas palavras em tom cantado.

Fóra disso só pudemos descobrir um começo da attenção e de interesse pelo sol e pela lua e nenhum pelos outros astros, que chegam até a ser confundidos numa designação commum dada pela palavra *erá*. Quanto ao trovão, não exerce sobre elles nenhuma impressão de medo e muito menos



102502

de respeito, porque o consideram como um phenomeno coñriqueiro, como seja o rolar da agua, a esforçar-se em romper as nuvens e cahir em chuva. E quando perguntados sobre a opinião que formam de outros phenomenos, que nos parecem proprios para fascinar qualquer imaginação e arrastal-a a crear hypotheses, elles se limitam a responder com a exclamação—*ma!*, com a qual significam que se trata de cousa que não sabem e não lhes interessa saber.

Entre elles não se encontram felicitosos, médicos ou qualquer outra fórma do equivalente ao pagé guarany ou ao bari boróro. Os doentes são tratados pelos seus parentes mais proximos, os filhos pelas respectivas mães, o marido pela mulher, etc., e o tratamento consiste em sangrias na testa e nas frentes, que se picam com pedacinhos de vidro, o substituto actual do *silex*; em massagens vigorosas e, ás vezes, violentamente excessivas; e em atilhos, que apertam fortemente a parte dolorida do corpo.

Contudo, os Caingangs acreditam que algumas mulheres têm o dom de adivinhar o futuro, vendo claramente durante o somno o que succederá em projectadas expedições e caçadas. Acreditam mais que esses sonhos propheticos podem ser provocados, bastando para isso ingerir a *sonhadora*, um pó tenuissimo, que se obtém pilando folhas de certo vegetal. Mas, conquanto os homens não se dispensem de consultar esses oráculos na vespera de iniciarem novas empresas, com tudo não desistem de as levar por diante, ainda que a resposta lhes seja desfavoravel; é evidente, porém, que, neste caso, a acção se resente da falta de firmeza e de pertinacia necessarias para garantir-lhes o bom exito.

Ainda a essas mulheres attribuem os indios a força de poderem sustar e desfazer as tempestades e aguaceiros que se estão formando, por meio de sopros que ellas, com os dedos em pinha, figuram tirar da bocca e jogar contra as nuvens.

Para terminar esta exposição sobre os costumes e instituições dos Caingangs pau-

listas, falta-nos ainda considerar o modo por que elles fazem a guerra.

Em primeiro lugar, é preciso saber-se que em todos os empreendimentos collectivos, devem figurar individuos dos dous grupos a que já me referi: o Camen e o Canherucren; a um pertence iniciar a acção, ao outro proseguir-a até ao desfecho final.

Dada esta explicação, vejamos como era um combate entre dous partidos Caingangs. Estando os guerreiros armados com os «cá», enormes e pesados porretos de madeira fortissima, avançavam, de um lado e de outro, estendidos em linha, os Camens dos dous partidos, soltando gritos e insultando-se mutuamente, dando pancadas no chão ou nas arvores, tudo com o fito de atemorizarem os contrarios e incentivar a propria coragem; enquanto isso, os Canherucrens ficavam em outra linha á retaguarda, brandindo os «cá» e juntando os seus gritos aos dos da vanguarda.

Nem dado momento, chegada a exaltação ao auge, começava o recontro, e os combatentes, ora defendendo-se, ora atacando, a mancarem os porretos em paradas parecidas como as do conhecido «jogo do pão», trocavam-se pancadas terriveis que, se colhiam a cabeça do adversario, estendiam-n-o morto no chão; se a uma perna ou braço, quebravam-n-o. Nisto os Camens iam se retirando para a retaguarda e sendo substituidos pelos Canherucrens; a pugna tornava-se então mais encarnçada, referviam os golpes tremendos, augmentava o clamor das vozes e o sólo se ia juncando de mortos e de estropeados.

Como se vê, em suas lutas intestinas, os Caingangs não faziam uso do arco e das flexas; o pão, o temido «Guaratan» dos civilizados da Noroeste e de Campos Novos de Paranapanema, era nesses casos a unica arma empregada.

Nos assaltos, porém, contra os «Foss», isto é, contra os índios Otis de Campos Novos, os Otás de Mato-Grosso, ribeiri-

nhos do Paraná e os civilizados, as armas de tiro figuravam, mas, ainda assim, só no começo da acção, para aterrorizar, desorganizar e provocar a debandada do inimigo; uma vez isto alcançado, o Caingang abandonava o seu arco e empunhando o predilecto «Guaratan», sahia correndo atrás do fugitivo, alcançava-o e com uma só pancada na cabeça arrancava-lhe a vida.

Outra differença entre as lutas intestinas e as exteriores, era que nestas elles não faziam preceder o recontro de clamor e de insultos, como usavam naquellas; mas, ao contrario, no meio do maior silencio, no maximo do imprevisto, faziam cabir sobre os assaltados a primeira nuvem de flexas. O effeito desse ataque subitaneo, quasi mysterioso, era fulminante e para agravar-o levantava-se então no seio da floresta a gritaria enorme; os homens já apavorados não podiam mais reflectir nem se lembrar das armas que tinham! Os que conseguiam escapar vinham depois contar que naquelle assalto haviam figurado centenas e centenas de selvícolas; e tudo isso, modo, abandono de armas, renuncia á defesa e exagero exorbitante do numero de assaltantes—resultava do effeito moral da tactica empregada pelos Caingangs, unica de que elles podiam lançar mão para conseguirem oppor com efficacia o seu armamento primitivo ás nossas armas de fogo.

Para terminar estas notas sobre a guerra direi que os Caingangs não matavam as mulheres e crianças de seus inimigos ou adversarios mas, podendo, levavam-n-as prisioneiras para as aldeias; uma vez ali, recebiam ellas de seus aprisionadores tratamento identico aos que elles costumam dar ás suas proprias mulheres e filhos. Um exemplo frisante desse uso observámos no acampamento de Ribeirão dos Patos, por occasião da visita do «rokaké» Charlin, porque, tendo elle se feito acompanhar de uma moça e um rapaz, tomados quando crian-

ças a um grupo de Oiaás que se havia passado de Mato-Grosso para o território paulista, vimos que os tratava com carinhos e cuidados iguaes aos que os Caingangs dispensam aos seus filhos; aliás, Charin comprazia-se em ser considerado como o pai do joven casal e ao contrario mostrava-se afflicto e descontente quando lhe lembravamos a verdadeira nacionalidade e procedencia d'elle.

A coragem é, para os Caingangs, uma virtude que nos homens não só se pressa e estima, como tambem se exige; um momento de fraqueza, um instante de covardia, é bastante para acarretar o desmornamento de um grande passado de aulacias. No entanto, elles não são fanfarrões; narrando os seus feitos, quasi se esquecem de dizer a parte que nelles tomaram para só insistirem sobre os episodios em que, a seus olhos, os adversarios se cobriram de ridiculo, manifestando medo ou debandando depois de derrotados.

Depois da coragem a qualidade mais apreciada pelos Caingangs é a disposição para o trabalho, e dos epithetos que se lançam, quando brigam, um dos mais insultuosos é o de «inhé-inhére»—preguiçoso.

Ao contrario do que vulgarmente se pensa, a vida dos selvícolas é constituída de uma séria intermínua de trabalhos penosos e arriscados; e o peor é que, apesar de tudo, nunca podem estar elles seguros do dia de amanhã.

Caçar é para os civilizados um passatempo divertido, mas, para os indios é uma obrigação quotidiana; difficil, perigosa e extenuante.

Ha trabalhos, como o de pilar o milho, apanhar a agua, e alguns outros de caracter evidentemente domestico que só podem ser feitos por mulheres; mas dahi a affirmar, como o têm feito observadores superficiaes em relação a outros selvícolas, que ellas são verdadeiras bestas de carga, ha toda a distancia que separa a falsidade da verdade. E' real que nas viagens as indias

vão carregando, em pesados volumes, as provisões e utensilios de que necessitam; mas não é menos verdade que isto, ao menos entre os Caingangs, só se dá enquanto atravessam algum trecho de floresta onde ha risco da columna ser assaltada por feras ou por inimigos; passados esses lugares perigosos, em que os homens precisam ter os seus movimentos livres e desembaraçados, para attenderem ás necessidades da defesa commum, tomam elles sobre os seus hombros a maior parte daquelles volumes e cargas.

Physicamente, os Caingangs, são homens robustos, altos, de membros muito bem proporcionados, maçãs do rosto pouco salientes, nariz um tanto grosso e achatado; olhos pretos, bem rasgados e nada obliquos; labios um pouco grossos; dentes largos e curtos muito bem conservados; bigodes finos e barba rarissima, quasi sempre reduzida a alguns pellos no queixo; cabelleira basta, de fios grossos, lisos e negros; mãos e pés pequenos; cor bronzeada, clara na maioria dos individuos e bem escura noutros; que têm com isso grande desgosto.

As mulheres são pouco mais baixas que os homens, mais corpulentas do que elles, pouco fecundas; bacía toraxica, larga e bem conformada, testa curtissima e coberta de densa penugem; frequente falta dos incisivos superiores.

São muito communicativos e brincalhões; os homens falam alto e bem claro; as mulheres têm o habito, além de fallarem baixo, de desencadear as palavras numa torrente ininterrupta, articulando os vocabulos mesmo enquanto inspiram o ar pela boca, de modo que, supprimidas todas as pausas que seriam exigidas pela respiração, a successão dos termos, soldados uns aos outros, termina-se, mas nunca se interrompe.

A lingua Caingang não offerece nenhum som estranho ao portuguez; ha nella, porém, a falta dos correspondentes a algu-

mas letras do nosso alfabeto; estão neste caso, o R forte, o L, o J, o S ou Q e o Z final.

Assim por exemplo as palavras portuguesas RUA e RAPAZ, os Caingangs as pronunciam como se o R tivesse o valor intervogalico e como se o Z final não existisse; a palavra ALADO, muda-se em arado; Julio e José em JURO e IUIÍ; sim, em TIM. Também o nosso CH, não existe em Caingang; em seu lugar figura o grupo TCH; assim, chave e achar, pronunciam-se TCHAVE e ATCHAH.

Estas observações, e mais a de que na graphia dos termos Caingangs nunca usamos nenhuma letra sem valor, sendo o do H indicar aspiração da syllaba a que elle se antepõe, são bastantes para guiar a leitura das palavras que se encontram nestas folhas.

Os nomes próprios usados por estes Indios são geralmente bonitos e sonoros; por exemplo, masculinos: Recaudui, Requeneri, Dovagi Nahon, Vampin, Dorarim, etc., femininos: Nindá, Refufui, Ióvari, Ganheri, etc.

Exemplo de alguns substantivos: Pin (fogo), Crin (cabeça), Ien (dente), Pen (pé), Dun (barriga), Cané (olhos), Cré (côxas), Dó (flexa), Ré (sol), Góio (agua), Prom (mulher), Ingré (homem), Cochite (menino, filho), Iog (meu pai), lam (minha mãe), etc.

Denominações recém-creadas: Pentorá (botinas) (de pen, Pé, to, modificação euphonica de Tom, não, Ra, arder); Caporó (homem negro), Ca (pão), Po (pedra), Ró (queimado): pedra de pão queimado ou seja carvão); Cúro-Cané (botões), (Cúro, pano ou roupa), Cané (olho); Crin-Cuchon ou cabeças vermelhas, os soldados; Veneia (espelho), etc.

Exemplos de adjectivos: Bang (grande), Tin (pequeno), Tara (forte), Cróia (medroso ou fraco), Chinuin (bom ou bonito), Coreg (ruim), etc.

Numeraes: Pire (um, primeiro, unico, só); Rangré (dous, segundo), (tambem si-

gnifica irmão); Hun (tres, terceiro ou o outro), e nisto cifra-se, ao menos tanto quanto nós a podemos conhecer até hoje, a numeração dos Caingangs paulistas. Os do Paraná contavam até cinco, mas agora, sob a influencia da nossa numeração decimal, estenderam a sua contagem, dizendo: cinco e um, cinco e dous, cinco e tres, etc., sem precisarem para isso modificar o seu vocabulario.

Pronomes: I (eu ou meu), Ti (tu ou teu), Agne (elle ou delle).

Adverbios: machaé-antigamente; camá-multo; gualáca-amanhã; úri-hoje; etc.

Verbos: cári-correr; penóí-flexar; cóia-comer; crónia-beber; crinin-assentar-se; etc.

Exemplos de phrases caingangs: I imbré ti cári góio eñera véia — eu vou contigo ver a agua preta, isto é, o rio Felo. — I agne imbré canhére rangré penó; literalmente: eu elle juntos macacos dous matamos. — Vauhin cochite cangá, rangré có ton; literalmente: Vauhin filho doente, feijão come não, isto é, o filho de Vauhin está doente, não come feijão. — Machaé fog corég caingang pron, cochite imbré, dó bang penó; bég hé crin kipic, ina pia eutem hadné: —

Ha muito tempo civilizados mãos caingangs mulheres, filhos juntos, espingardas mataram; machados de ferro cabeças cortaram, casas fogo cahir fizeram; isto é, — Ha muito tempo os mãos civilizados mataram mulheres e filhos dos Caingangs, de ceparam-lhes as cabeças e incendiaram-lhes as casas.

Não é possível, senhores, fazer-se entrar nos estreitos limites de um trabalho como este, destinado a ser lido em pouco mais de uma hora, tudo quanto de interessante e de original nos apresentam os habitos, costumes e instituições dos Caingangs paulistas.

Pensamos, contudo, que o que fica exposto é sufficiente para dar uma idéa da verdadeira índole e caracter desse povo, e para patentear quanto era injusta, in-

fundada e falsa a pintura que delle se fazia, antes de 19 de Março de 1912, representando-o como um bando de feras sanguisugas com o qual não podíamos ter a esperança de travar relações pacíficas e amistosas por cujo intermedio o conduzissemos a entrar e incorporar-se no seio da comunidade brasileira.

Felizmente, o Governo da Republica soube fechar os ouvidos aos clamores que já se levantavam, exigindo delle que desse immediato cumprimento ao que apontavam ser o seu dever; mandar para o sertão da Noroeste soldados, carabinas e munições, que se empregassem no completo extermínio do tão execrado quanto desconhecido gentio. E preferindo a essa odienta inspiração, seguir a directriz indicada pelas nobres lições de José Bonifacio, tão fecundamente assimiladas e traduzidas em factos pela acção incomparavel do Coronel Rondon, fundou a nossa administração publica o Serviço de Protecção aos Indios, o qual desde logo se applicou em conquistar a confiança e a amizade dos maisnados selvícolas.

Agora que os resultados ahí estão patentes a todos os olhos, deve-se esperar que as vontades se congreguem no esforço necessario para que se não interrompa e pereça essa obra, bem digna das sympathias geraes não só pelo que já está feito, como tambem pelo que ainda falta concluir.

Os Caingangs já não levam a morte e o espanto aos trabalhadores dos estabelecimentos que, de dia para dia, se multiplicam e prosperam ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e, envolvendo as cabeceiras do Feio, continuam, quasi sem interrupção, pelos sertões de entre o Peixe e o Parapanema. Tambem os nossos sentimentos de povo civilisado já não têm que soffrer os tranques, o atordoamento, em que os lançavam de tempos em tempos as crudelissimas «dadas» ou batidas de matadores de «bugres», em caçadas diabolicas que duravam já perto de meio seculo.

Mas, apesar de tudo, nós ainda continuamos em um acampamento: — o do Ribeirão dos Fatos; em terras que nos podem ser, de um dia para outro reclamadas pelo respectivo proprietario; alojados em ranchos e obrigados a viagens penozissimas por estradas e picadas que mal podemos conservar.

E' com essa escassez de recursos e com pouquissimos auxiliares, que supprem a sua deficiencia numerica com o muito enthusiasmo e devotamento que dedicam ao serviço, que a Inspectoria de S. Paulo tem policiado todo o enorme sertão que se estende desde as cabeceiras do Feio e do Peixe até ao Paraná. E é nesse pobre acampamento que se vão livremente transformando os usos e costumes dos Caingangs, os quaes rapidamente evoluem para nossa civilisação.

Para compensar-nos, porém, de todas as difficuldades, dissabores e riscos já passados os dos que por acaso ainda nos reserve o futuro temos a profunda affeição que agora nos prende áquelle povo valente, leal e intelligente, e ainda mais temos a reconfortante satisfação de estarmos assim e na medida de nossas forças cooperando com almas de escól para a fundação da unidade ethnica do povo brasileiro, obra sonhada por José Bonifacio e começada a realizar pelo Coronel Rondon.